

INFÂNCIAS , JUVENTUDES, NARRATIVAS E DIÁLOGOS INTERGERACIONAIS TÍTULO DO RESUMO

“Há um passado no meu presente...”: Narrativa e memória em instituições de acolhimento¹.

Bárbara Castelo Branco Monte

Universidade de Fortaleza – UNIFOR
escutapsi@yahoo.com.br

Idilva Maria Pires Germano

Universidade Federal do Ceará– UFC
idilvapg@gmail.com

Resumo

Um problema importante que psicólogos e outros profissionais devem enfrentar no contexto do acolhimento e que ameaça o bem-estar das crianças e adolescentes acolhidos é aquele referente às histórias que se contam (ou não se contam) sobre as crianças, seus pais e familiares no contexto da institucionalização. Dadas algumas características dos abrigos e também certas políticas que o Estado brasileiro adotou historicamente, nem sempre é possível garantir o direito da criança de “saber” sua história de vida ou de contá-la noutros termos, para além do que se narra no cotidiano da instituição.

De fato, as instituições de acolhimento podem se constituir como “instituições totais” (GOFFMAN, 1987), isto é, estabelecimentos fechados, geralmente em regime de internação, em que as crianças vivem sob a direção de profissionais imbuídos de acompanhá-las. Acreditamos que esse cenário de internação precoce pode atuar silenciando as vozes das crianças acolhidas e também de pais e outras pessoas significativas que, de uma maneira ou de outra, foram afastados do direito e do dever de orientar seus filhos. Nessas instituições, crianças são acolhidas em tenra idade, até mesmo com poucos dias de nascida e, muitas vezes, além da falta de registros sobre a sua história pessoal e familiar, esses podem ser precários, não circularem entre os profissionais da instituição e mesmo entre as próprias crianças. Essa situação pode contribuir para a “desconsideração da singularidade de cada família bem como para a invisibilidade de cada criança e adolescente” (MOREIRA *et al*, 2013, p. 59), o que pode tornar difícil a elaboração das experiências que levaram ao acolhimento institucional.

¹ “Há um passado no meu presente” refere-se à letra da música *Bola de meia, bola de gude*, composta por Milton Nascimento e Fernando Brant.

Segundo o Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME, 2012) durante muitas décadas, o discurso do Estado sobre a pretensa incapacidade da família em situação de pobreza levou o Poder Público a desenvolver políticas que desqualificavam estas famílias, promovendo a prática recorrente da suspensão provisória ou destituição do poder familiar até os dias atuais.

Embora o quadro do acolhimento institucional tenha avançado com a promulgação do ECA (Lei n. 8.069/1990), persistem as “histórias mal contadas” na instituição (MOREIRA *et al*, 2013) que podem afetar a construção da memória autobiográfica, a formação da identidade infantil e sua capacidade de superar o sofrimento relacionado à sua história familiar e institucional.

Essas considerações nos fazem questionar quais histórias se contam, como se contam e o que se deixa de contar em contextos de acolhimento. Que histórias de si as crianças narram? Que espaços para a narração autobiográfica estão disponíveis nessas instituições? Que estratégias podem ser utilizadas para estimular as crianças a contar suas histórias, construindo sua memória em diálogo com outras histórias individuais e coletivas que circulam nos abrigos e fora desses?

É no sentido de responder a algumas dessas inquietações e também propiciar um atendimento personalizado e de qualidade aos acolhidos, tal como preconiza o PNCFC, que foi criado um projeto de extensão no Núcleo Cearense de Estudos e Pesquisa sobre a Criança (NUCEPEC-UFC) para a implantação do projeto Fazendo Minha História (FMH) em uma instituição de acolhimento em Fortaleza que possuía em média cem crianças até quatorze anos. O FMH é uma ferramenta desenvolvida pelo Instituto Fazendo História (www.fazendohistoria.org.br) e tem o objetivo de promover meios de expressão para que os acolhidos possam entrar em contato com o seu passado, registrar suas histórias de vida e construir projetos para o futuro. A proposta é que, através da mediação da leitura e de atividades lúdicas, a criança e o adolescente desenvolvam o prazer pela leitura e pelo universo das histórias e construam sua própria narrativa autobiográfica a partir da construção de um álbum em parceria com um adulto colaborador.

Criada originalmente como ferramenta de intervenção, o FMH foi também utilizado como instrumento de pesquisa das autoras deste trabalho para o estudo da interface entre narrativa, memória e resiliência no contexto do acolhimento.

Como pressupostos, consideramos que as narrativas são modos pessoais de impor ordem ao que parece caótico ou sem sentido nos eventos da vida e nas experiências. A vida e a experiência são “historiadas”. O “eu” é um narrador estratégico, cujas histórias se entrelaçam a histórias alheias e variadas em diálogo e, muitas vezes, em conflito (BRUNER, 1997).

Considerando que as interações adulto-acolhido são fortemente assimétricas no interior das instituições, narrativas monológicas podem produzir práticas prejudiciais ao pleno desenvolvimento das crianças e adolescentes institucionalizados. Oficinas narrativas autobiográficas como o FMH podem favorecer interações dialógicas e colaborativas entre o adulto e o acolhido, ampliando a participação da criança na produção das lembranças autobiográficas, autorizando o acolhido a contar e recontar sua história mais livremente e lhe permitindo posicionar-se, aceitando ou contestando certas narrativas que circulam sobre si.

Durante as oficinas do FMH na instituição de acolhimento foram levantados os principais temas trazidos livremente pelas crianças nas conversas com os colaboradores, aspectos avaliativos e emocionais suscitados pelos álbuns e leituras, a imagem de si que emerge nos desenhos e falas, aspectos projetivos com elementos das histórias lidas e ouvidas e outros elementos. Destacamos que esses momentos de atuação colaborativa entre facilitador e acolhido na leitura e narração de histórias, bem como na construção dos álbuns, são um espaço mobilizador de lembranças, emoções e autorreflexão da criança sobre sua vida familiar e na instituição.

A metodologia propicia condições para que os acolhidos se tornem “os autores de suas histórias”, ou melhor, que se tornem os narradores de si mesmos, abrindo espaço para o “trabalho biográfico” (SCHÜTZE, 2007), isto é, a reflexão que leva a recordar a própria história, compreender a si mesmo como uma identidade única, reconhecendo os seus potenciais, obstáculos e processos para o seu desenvolvimento (GERMANO, 2013).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRUNER, J. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes médicas, 1997.
- GERMANO, I.M.P. **Trajetória de vida, risco e proteção social em estudo biográfico com jovens**. Adolescência e Juventude: Conhecer para proteger. Casa do Psicólogo, 2013.
- GOFFMAN, Erwin. **Manicômios, prisões e conventos**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

MOREIRA, Maria Inês C., Paula M., CARELLOS, Soraia M.S., PASSOS, Ana P.C.P. . As famílias e as crianças acolhidas: histórias mal contadas. **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte, vol.19, n.1, pp.59-73, 2013.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME: **Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária**, 2012.

PÉTIT, Michele. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. Editora 34, 2010.

SCHÜTZE, Fritz. Biography analysis on the empirical base of autobiographical narratives: How to analyse autobiographical narrative interviews- Part 1. **INVITE-Biographical counseling in rehabilitative vocational training- further education curriculum**, 2007. Disponível em: <http://www.biographicalcounselling.com/download/B2.1.pdf>

Palavras-chave: Narrativas. Autobiografia. Infância. Abrigo.